



TECNICELPA

Associação Portuguesa
dos Técnicos das Indústrias
de Celulose e Papel

ARTIGOS DE OPINIÃO



CELSO FOELKEL

Sócio n.º 842

A desconstrução “consentida” do patrimônio documental sobre a memória, história e cultura tecnológica armazenadas em papel

Uma das maneiras mais interativas de se preservar e compartilhar história, memória e cultura setorial é através de documentos impressos em papel (livros, revistas, documentos, quadros, fotografias, mapas, etc.). O ato de segurar um objeto de papel para entender o que ele traz de conhecimentos parece que promove uma atenção e uma emoção muito maiores do que os demais tipos de mídia. Talvez isso possa ser explicado quanticamente pelas interações entre as ondas emitidas por pessoas e pelos objetos por elas sendo observados e folheados. Ou talvez por usarmos nesse ato diversas percepções sensitivas ao mesmo tempo: visão, tato, olfato, audição, etc.

Apesar do enorme patrimônio tecnológico armazenado em publicações em papel e que nos ajudam a conhecer tecnologias, empresas, pessoas e desafios e conquistas que sucederam em tempos variados de nossa evolução setorial, tenho percebido que esse mesmo setor que fabrica o papel aparentemente vem-se afastando da preservação desse rico legado cultural. Inúmeras bibliotecas e centros de documentação têm sido “doados” ou tendo seu acervo destinado à reciclagem de papel. Isso tem acontecido em empresas industriais, universidades, centros de pesquisa públicos e privados e até mesmo em nossas próprias associações técnicas, em praticamente todos os países. Uma verdadeira devastação para a história e memória do setor. Concomitantemente a isso, inúmeras revistas e entidades associativas estão desaparecendo, e com a sua extinção, também suas publicações técnicas são esquecidas e se perdem em pouco tempo. As explicações para essas demolições da cultura armazenada em papel são simples: dizem os que destroem

bibliotecas que elas não atraem mais o público (mas nada se faz para torná-las atrativas) e que os custos de mantê-las são elevados. Na verdade, quase todos estão buscando mais espaço físico nas organizações com ocupação nova dos espaços das bibliotecas e redução de custos fixos (funcionários e aquisição de livros, revistas, etc.).

A facilidade no uso da mídia digital tem sido um dos fatores para promover esse descaso com as bibliotecas tradicionais e sobre as coisas que foram desenvolvidas no milênio passado. Infelizmente, muitos de nossos técnicos de uma geração que encontrou mecanismos poderosos de busca na internet passaram a acreditar que as publicações de mais de 10 anos de idade são obsoletas e “velhas”. Tenho ouvido isso com frequência em minhas aulas de pós-graduação a técnicos do nosso segmento. Curioso isso acontecer em um setor que possui alicerces em tecnologias geradas em muitos casos há mais de um século (conversão da madeira em cavacos, processo kraft, branqueamento em multi-estágios em baixa consistência, refinação das fibras, sistemas de recuperação de licor, etc.). Obviamente, tivemos evoluções e melhorias fantásticas em escalas de produção e em eficiências e continuidades operacionais, mas os fundamentos tecnológicos básicos e iniciais ainda estão presentes em praticamente todas as etapas de nossos processos produtivos.

Outro fator que tem sido crítico para a perda crescente da memória setorial são as fusões e aquisições entre empresas e organizações. Em geral, quando uma empresa ou organização técnica é absorvida por outra, existe uma rápida e bem motivada orquestração para eliminação de documentos,

conquistas e desenvolvimentos anteriores da organização “perdedora”. Como a história costuma ser contada pelos vencedores, toda a memória tecnológica de uma das empresas acaba se perdendo, bem como as conquistas de pessoas que um dia foram ícones tecnológicos do setor.

Ao se escrever um artigo científico inicialmente se realiza uma criteriosa revisão bibliográfica para situar o pesquisador sobre o que já existe de conhecimento sobre o assunto escolhido para estudar. Da mesma forma, qualquer problema técnico em uma empresa deveria ser iniciado com uma busca dos conhecimentos que existe sobre o processo em si ou sobre o equipamento que necessita uma ajuda para ganhar desempenho. Isso em geral se consegue em repositórios de documentos que as empresas possuem em suas instalações ou em outros centros de informações e documentações, como aqueles “ainda existentes” nas associações técnicas do setor. A prática, entretanto, tem mostrado que os técnicos têm pressa, pois a pressão sobre os prazos é enorme. Com isso, quando muito fazem uma busca apressada com o Google e partem para testar na base do acertar/errar. Em geral, “quem tem pressa come cru”, como diz o conhecido ditado popular.

Eu sempre fui um técnico que se preocupou em observar o passado, as ações e conhecimentos desenvolvidos em tempos anteriores para oferecer os alicerces das tecnologias e dos sucessos hoje conquistados. E também para entender os fracassos de algumas tecnologias e procedimentos. Ou seja, o presente tem origem em coisas do passado, em tempos mais ou menos recentes. Por outro lado, temos que ao mesmo tempo olhar as rotas de futuro para esse nosso segmento produtivo, permitindo assim que as pessoas do presente possam melhorar suas decisões e ações no caminho de futuros incertos. Com isso, as chances de se tornarem vitoriosas serão maiores, mesmo com as dificuldades de épocas turbulentas.

Definitivamente, algo precisa ser feito para impedir que nosso setor de celulose e papel perca sua memória e fique com uma cultura tecnológica restrita e impregnada de “mesmices”. Entendo que esse papel deveria ser liderado pelas associações técnicas, mas como criar uma cultura em um meio que também está muito preocupado em sobreviver e em reduzir custos e serviços? Como dificilmente esse sentimento nascerá espontaneamente dentro das associações em seus planos estratégicos, o melhor seria que as empresas do setor estimulassem a que as suas associações técnicas representativas de sua classe empresarial se ocupassem com propostas bem estruturadas para esse resgate e preservação da memória, história, cultura e disseminação de conhecimentos para dentro e fora de suas organizações. Ou seja, tornar o setor mais visível e transparente para uma sociedade que ainda conhece pouco sobre ele e sobre as pessoas que nele exercem suas atividades profissionais.



Será que isso seria sonhar demais? Pelo menos estou tornando público esse sonho, na esperança de que eu possa continuar ajudando na preservação desse “ainda disponível” patrimônio setorial.